

Foi aquela primeira vez em que alguém porventura a chamou atriz - 1º de junho de 1922, sexto aniversário de Bethel. Não havia as luzes da ribalta, nem música incidental, e o seu único público eram a mãe e um pequeno cão, que olhava com pesar através da janela de uma hospedaria. Mas Bethel estava sensacional.

Ela e a mãe estavam a caminho do A. & P. Store e, como sempre, Bethel, com a maior violência, havia estado a descrever círculos. Era leve, pequena, totalmente feminina, mas era a melhor corredora da zona.

Ela parou, depois deu pequenos saltos para diante. A sua frente, uma velha senhora andava ás apalpadelas, de ombros curvados, como se tivesse abandonado toda esperança de bem-estar e de amor. Toda a sua vida parecia estar nos pés, que dolorosamente se moviam. Bethel tentou re-criar esse andar desiludido e pôs-se à obra com tal vigor que o pescoço lhe doía ao pêso dos ombros abaulados e cada passo era um esforço terrível.

A mãe a interrompeu :

- Não te ponhas a arremedar os outros dessa maneira, Bethel. Poderás aborrecê-los com isso.

A criança, pequena, de olhos negros, deteve-se, num protesto :

- Oh! Não a estou arremedando. Estou tentando ser ela. Posso ser uma porção de pessoas ao mesmo tempo.

- Para que crescemos! Receio que gastes de te exhibir, querida, - da maneira por que sempre lêes tão alto as tuas lições na escola dominical!

- Gosto de ler alto! " Orarei a ti, Senhor, com todo o meu coração! Revelarei todas as tuas maravilhosas obras! "

- Parece que serás uma atriz. Acho que não estaria mau para uma atriz.

- Olha como a velha senhora arrasta os calcanhares - disse Bethel, muito atarefada para dar atenção às profecias de glória-

*trechos de crônica?*